

AS ESTRATÉGIAS DE PERSONALIZAÇÃO DA CRIANÇA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

PORTILHO, Evelise Maria Labatut – PUCPR
evelisep@onda.com.br

AFONSO, Maria Gabriela Zgôda Cordeiro- PUCPR
gabiafonso@hotmail.com

SILVA, Thalita Folmann da- PUCPR
thalitadasilva@ig.com.br

Área Temática: Educação: Teorias, Metodologias e Práticas.
Agência financiadora: não contou com financiamento.

Resumo

O presente trabalho é fruto dos estudos realizados pelo grupo de pesquisa intitulado Aprendizagem e Conhecimento na Formação Docente, o qual tem como objetivo entender e investigar o processo de aprendizagem de quem aprende e de quem ensina. Com esse objetivo, tínhamos como metas de pesquisa, diferenciar as modalidades de aprendizagem das crianças do 1ª etapa do Ciclo I de alfabetização com diferentes históricos escolares; conhecer os diferentes estilos de ensinar das professoras alfabetizadoras e relacioná-los com os estilos de aprendizagem dos alunos; observar o ambiente escolar, especificamente a sala de aula, bem como compreender os processos de aprendizagem pelo quais as crianças passam para adquirir habilidade de leitura, escrita e oralidade. Neste trabalho específico, estaremos dando enfoque às estratégias de personalização na aquisição da leitura e da escrita, utilizadas por crianças da 1ª etapa do Ciclo I do Ensino Fundamental de uma Rede Municipal do Estado do Paraná, ao realizarem atividades propostas no primeiro instrumento apresentado. Esse instrumento solicita à criança a escolha de uma dentre as quatro pranchas relativas a histórias infantis, para que ela conte a história com base na figura. Posteriormente, ela deverá escrever a história que contou. Caso a criança não escreva, investiga-se quais são as suas brincadeiras e brinquedos prediletos, solicitando a escrita dessas atividades. Uma vez que as estratégias de aprendizagem são fatores importantes, vale ressaltar o papel do alfabetizador nessa etapa. Muitas vezes é o educador que é capaz de perceber as estratégias utilizadas ou não, pelos pequenos. A intervenção dele, nesses momentos, possibilita que as crianças sejam consideradas aprendizes e respeitadas no processo de aprendizagem. Ao considerar as estratégias de aprendizagem de cada criança, o alfabetizador respeita a individualidade dos alfabetizandos e contribui para que o processo de alfabetização seja um momento de descobertas, desafios e de muita aprendizagem.

Palavras chave: Aprendizagem; Alfabetização; Estratégias.

Introdução

O presente trabalho é fruto dos estudos realizados pelo grupo de pesquisa intitulado Aprendizagem e Conhecimento na Formação Docente, o qual tem como objetivo entender e investigar o processo de aprendizagem de quem aprende e de quem ensina.

Com esse objetivo, destacamos como metas da pesquisa: diferenciar as modalidades de aprendizagem das crianças de 1ª etapa do Ciclo I de alfabetização com diferentes históricos escolares; conhecer os diferentes estilos de aprendizagem e de ensino das professoras alfabetizadoras e relacioná-los com os estilos de aprendizagem dos alunos; observar o ambiente escolar, especificamente a sala de aula, bem como compreender os processos de aprendizagem pelo quais as crianças passam para adquirir habilidade de leitura e escrita.

Neste trabalho específico, estaremos dando enfoque às estratégias de personalização na aquisição da leitura e da escrita, utilizadas por crianças da 1ª etapa do Ciclo I do Ensino Fundamental de uma Rede Municipal do Estado do Paraná, ao realizarem atividades propostas no primeiro instrumento apresentado.

Este instrumento solicita à criança a escolha de uma, dentre as quatro pranchas relativas a histórias infantis, para que ela conte a história com base na figura. Posteriormente, ela deverá escrever a história que contou. Caso a criança não escreva, investiga-se quais são as suas brincadeiras e brinquedos prediletos, solicitando a escrita dessas atividades.

Nesta pesquisa, entende-se estratégia de personalização como sendo o caráter criativo da pessoa na hora de aprender, ou seja, a capacidade dela em associar, selecionar, reestruturar, organizar e transformar as experiências passadas em combinações únicas, dando origem a produções diferentes e novas para o sujeito que aprende. No instrumento de observação, fizemos uma distinção entre as estratégias de personalização de caráter geral, as relativas à escrita, a oralidade e a leitura, uma vez que o objetivo da pesquisa é conhecer as estratégias de aprendizagem utilizadas pela criança em processo de alfabetização. É importante destacar que esta distinção tem relação direta com os instrumentos utilizados na pesquisa.

Apresentaremos aqui alguns dados bastante significativos sobre os processos supracitados.

Como as Crianças Aprendem a Ler e a Escrever

Compreender como ocorre o processo de aprendizagem nas crianças é um caminho longo e complexo que exige dos investigadores uma busca muito maior do que apenas o ato de aprender. Exige interpretação social, biológica e emocional.

Na Educação, a grande discussão sobre a alfabetização nas séries iniciais está ligada às questões referentes à aquisição da leitura e da escrita. Professores, equipes pedagógicas, filósofos, sociólogos, dentre tantos estudiosos educacionais, têm se debruçado na criação e reestruturação de metodologias que possibilitem às crianças aprender, não só a decifrar o código escrito, mas também a fazer uso desse instrumento no cotidiano, apropriando-se da função social que ambas as práticas têm.

Ao analisar a aprendizagem na aquisição da leitura e escrita que parte dessa perspectiva social, temos que pensar sobre que mundo é esse em que estamos vivendo nos dias de hoje. Qual é a educação desenvolvida no ambiente educativo? Como ocorre a aprendizagem da leitura e da escrita nessa sociedade educacional?

Atualmente, segundo Pozo (2002), a aprendizagem está

(...) ligada a cada vez mais exigente demanda de novos conhecimentos, saberes e habilidades que propõem a seus cidadãos uma sociedade com ritmos de mudanças muito acelerados, que exige continuamente novas aprendizagens e que, ao dispor de múltiplos saberes alternativos em qualquer domínio requer dos alunos, e dos professores, uma integração e relativização de conhecimentos que vai além da mais simples e tradicional reprodução dos mesmos (p.23).

Esse autor salienta que a educação, nos dias de hoje, não é mais concebida como mera reprodução de conhecimentos já existentes, mas é pensada e planejada como produtora de novos saberes. É com esse novo movimento de construção e reflexão dentro das escolas que construímos nossa cultura e a alargamos.

Pensar como a criança aprende é incluí-la numa cultura que gera suas formas de aprendizagem.

Inicialmente a criança manifesta suas primeiras aprendizagens por meio da oralidade, quando ainda não é capaz de se comunicar por meio da escrita. Nos primeiros anos de vida

utilizará a capacidade oral para interagir com o mundo e se expressar, mas, posteriormente, num determinado período de seu desenvolvimento, é capaz de perceber que suas experiências podem ser representadas pela escrita. Segundo Vygotsky (1999), é a linguagem que vai possibilitar o desenvolvimento do sujeito. A fala e o pensamento estão em construção desde que a criança nasce, desde que o homem é homem.

A ligação entre a linguagem impressa e oral não é imediatamente percebida pelas crianças. Mesmo quando cresce em um ambiente rico em experiências de alfabetização, elas têm muitos problemas para compreender a relação entre a linguagem oral e as formas gráficas. A fim de compreender o conjunto de formas gráficas convencionais e suas regras de composição como um sistema representativo específico, elas formam várias hipóteses que são ordenadas evolutivamente e não de modo indissociável. (FERREIRO, 2006, p. 22).

Essa inter-relação entre a linguagem oral e a escrita não é reconhecida pela criança no início da alfabetização, e sim no decorrer do processo. A compreensão de que as diferentes formas de se expressar estão relacionadas, é possível quando o aprendiz observa que as palavras que ele fala podem ser registradas.

Na pesquisa realizada numa Rede Municipal de Ensino com 403 crianças em processo de alfabetização, notou-se que 77% das crianças se comunicam por meio da oralidade articulando corretamente as palavras, e 72% apresentam coerência e coesão na fala, utilizando elementos coesivos tais como, “daí”, “então”, “depois”, “mas”, “tipo assim”, entre outros. Os dados parecem indicar que a criança da 1ª etapa do Ciclo I de alfabetização expressa com clareza sua compreensão sobre os objetos.

A primeira maneira que a criança encontra para registrar sua fala é por meio do desenho. Este momento de aprendizagem deve acontecer de maneira que a criança utilize o desenho para se expressar, para então seguir as etapas posteriores que lhe permitirão reconhecer as letras e atribuir significado a elas. Na pesquisa, quando solicitadas a escrever, algumas crianças que não dominavam o código escrito, utilizaram essa estratégia para registrar o seu pensamento.

Posterior à fase do desenho, encontra-se a fase em que a criança identifica e localiza, em diferentes contextos, o seu próprio nome. O discente passa a manusear e brincar em vários

momentos com o nome que o caracteriza enquanto ser humano e passa a ser identificado e a identificar seu grupo por meio desse padrão. Em poucos meses, esse sujeito não apenas sabe identificar-se, como também passa a despertar a curiosidade sobre cada símbolo contido dentro do seu nome.

As crianças, nesse contexto, familiarizam-se com o alfabeto, e passam a localizar na cultura que as cerca, as diferentes letras, fazendo associações. O sujeito passa a interiorizar a cultura letrada aproximando os conteúdos ensinados em sala de aula com as experiências vividas fora do ambiente escolar.

É na ânsia por novos conhecimentos, após aprender a escrever as letras e a reconhecê-las em diferentes contextos, a criança vai descobrindo que a junção de duas ou mais letras formam diversas palavras. Ela passa a brincar com as letras e suas possibilidades, começando a decifrar o código escrito e fazer uso dele.

Conforme o dado da pesquisa, 84% das crianças participantes registram as palavras da maneira que falam. A importância do professor como mediador desse processo é essencial por incentivar os pequenos em suas tentativas de escrita.

Nesse percurso da alfabetização, 1ª etapa do Ciclo I, vale ressaltar que os aspectos lingüísticos, tais como ortografia, pontuação e acentuação não são priorizados. O essencial nesse momento é valorizar as tentativas de escrita. Isto é comprovado, quando 86% das crianças pesquisadas, não empregam pontos e acentos na escrita das palavras.

Entretanto, fatores como espaçamentos entre palavras devem ser apontados e praticados cotidianamente entre professores e alunos, por meio de estratégias adotadas pelo docente, como por exemplo, pintar os espaços entre as palavras para que, gradativamente, as crianças percebam que há separação entre uma e outra. Na pesquisa, percebemos que esse aspecto está presente na escrita das crianças deste nível de ensino.

Aos poucos, as crianças percebem a importância da empregabilidade de tais recursos por meio de reflexões durante a escrita e leitura de palavras. Sendo assim, faz-se necessário que o alfabetizador oportunize momentos em que a criança seja capaz de reler o que escreveu, uma vez que, como comprovam os dados da investigação, 68% das crianças não relêem o que escrevem, impossibilitando a correção de seus erros. Como observado, 85% das crianças não corrigem seus erros por falta de releitura.

Nessa perspectiva, compreendemos que a leitura encontra-se estritamente vinculada com a escrita e que nos tornamos bons escritores na medida em que vamos desenvolvendo nossa capacidade de leitura. Enquanto educadores, devemos proporcionar momentos de leitura, além dos momentos direcionados para a expressão por meio da escrita.

Segundo Lerner (2002, p.61), “aprende-se a ler lendo e aprende-se a escrever, escrevendo são lemas educativos que expressaram o propósito de instalar as práticas da leitura e escrita como objeto de ensino. Apesar desses lemas estarem, hoje, muito difundidos, sua concretização na atividade cotidiana de sala de aula é ainda pouco freqüente”. É difícil viver a educação, sem praticarmos, de modo efetivo a leitura e escrita que são interligados.

Esses aspectos são internalizados pelas crianças gradativamente, por essa razão a alfabetização é considerada um processo. Dessa maneira compreendemos a participação das crianças na pesquisa, pois 80% das crianças ainda não lêem fluentemente. Percebeu-se, também, que 88% das crianças ainda não relê o que escreve, dado resultante dos diversificados níveis de alfabetização. Nesse caso, 80% das crianças avaliadas não têm entonação de leitura, tendo dificuldades para leitura de diferentes grafias (77% apresentaram essa dificuldade), tais como letra caixa alta e cursiva.

Outra dificuldade encontrada durante a realização das atividades propostas, em razão das crianças estarem em processo de alfabetização e não terem o domínio da escrita e da leitura, refere-se à correspondência entre imagem e escrita, em que 96% das crianças participantes não fizeram esta relação.

Claxton (2005, p. 17) explica que “a aprendizagem modifica não somente o nosso conhecimento e o nosso agir, mas também o nosso ser”. Quando ensinamos nossos alunos a escrever e a ler o mundo que os cerca, não apenas lhes ensinamos a aprender coisas novas, mas também a serem novos indivíduos a cada aprendizagem.

Sendo assim, considera-se de grande relevância a mediação do alfabetizador no processo de alfabetização, pois é um momento importante na aprendizagem das crianças e na formação do ser humano. É uma experiência que resulta em mudanças, tanto para o educador, quanto para o educando.

As Estratégias de Personalização

O processo de aquisição da língua escrita, da oralidade e da leitura é um momento de grande importância para o desenvolvimento infantil, exigindo, portanto que as crianças utilizem diferentes estratégias de aprendizagem.

Ao tratar de estratégias de aprendizagem, Bransford, Brown e Cocking (2007, p. 133) afirmam que “(...) com o desenvolvimento, as crianças adquirem conhecimentos e desenvolvem atividades eficientes para usar bem a mente”. Nesta perspectiva, para que as crianças possam utilizar essa capacidade, são necessários estímulos para que, aos poucos, consigam perceber e aplicar as estratégias em seu processo de aprendizagem.

Dentre as estratégias que as crianças apresentam no processo de aprendizagem, encontram-se as de personalização que, quando utilizadas pela criança, permitem que ela se torne criativa, crítica e capaz de transferir um aprendizado a uma nova situação.

Carrasco (2004) afirma que cada pessoa tem uma forma específica de pensar que é a consequência da integração dos esquemas cognitivos e origina um sistema cognitivo único, próprio de cada pessoa. Dessa maneira o termo personalização se refere à organização do conhecimento ao esquema cognitivo pessoal que cada pessoa tem, à integração pessoal dos conhecimentos, à relação cognitiva que a pessoa faz de um conhecimento novo com um conhecimento já adquirido.

De acordo com o Houaiss (2001, p. 2196) personalização é “o ato ou efeito de personalizar” e personalizar é “tornar-se pessoal; conceder qualidade de pessoa a; indicar e nomear”.

As estratégias de personalização estão relacionadas à criatividade, ao pensamento crítico e à transferência do aprendizado, como afirmam Llera e Roselló (1998).

Sendo assim, quando o aprendiz é capaz de refletir, em seu processo de aprendizagem, e aplicar o que foi aprendido em suas novas experiências, apresentando atitudes que indicam uma criticidade em seu pensamento, pode-se dizer que utiliza as estratégias de personalização ao aprender.

No processo de aprender, a criatividade se manifesta quando o aprendiz organiza o seu pensamento e produz novas idéias com base num conhecimento já adquirido e quando é capaz de

apresentar novidades em suas idéias partindo de conhecimentos adquiridos numa situação anterior.

Para Carrasco (2004, p. 145)

La creatividad es la capacidad de asociar, seleccionar, reestructurar, organizar y transformar las experiencias pasadas o la información recibida em combinaciones únicas que dan lugar a producciones diferentes y nuevas, bien que sean nuevas para el sujeto-ator (expresión, descubrimiento), bien que sean nuevas para seu ambiente (inovación, etc).¹

Portanto, a criatividade é a capacidade do aprendiz apresentar uma postura investigativa em seu processo de aprender. Informar-se sobre um determinado assunto, realizar perguntas pertinentes ao tema, fazer indagações durante atividades desenvolvidas são atitudes que expressam a criatividade. Também, a possibilidade de apresentar idéias indutivamente demonstra uma percepção criativa do aprendiz, pois se refere à formulação de hipóteses.

Dessa forma, como afirmam Bransford, Brown e Cocking (2007, p. 96) “as induções ajudam os aprendizes a pensar nas atividades e a refletir sobre elas, levando-os a identificar objetivos, gerar novas idéias, aperfeiçoar e elaborar as idéias existentes e empenhar-se na sua coesão”.

Ao observar as crianças na realização da atividade para a pesquisa, foi possível constatar que 71% delas não varia suas hipóteses, dificultando a discussão e, posteriormente, a reflexão a respeito da sua tentativa. Essas hipóteses ou induções, assim denominadas por Bransford, Brown e Cocking (2007, p.96), não foram observadas no processo de aprendizagem das crianças que participaram da pesquisa. A desconsideração das hipóteses das crianças impede-as de refletirem, descobrirem e modificarem suas idéias iniciais, deixando de participar de um processo de aquisição da escrita significativo.

Carrasco (2004) indica atividades que favorecem a criatividade, a formulação de hipóteses, tais como: realização de debates e discussões, bem como a análise de diferentes

¹ A criatividade é a capacidade de associar, selecionar, reestruturar, organizar e transformar as experiências passadas ou a informação recebida em combinações únicas que dão lugar a produções diferentes e novas, que são novas para o sujeito-ator (expressão, descobrimento), que são novas para seu ambiente (inovação, etc).

situações envolvendo o objeto da aprendizagem. Também sugere como oportunidades para a exposição da opinião do aluno, a contação de histórias e produções de texto que valorizem a imaginação.

Tais atividades estimulam a criatividade e possibilitam ao aluno pensar com criticidade, pois o pensamento crítico é uma estratégia de personalização que está relacionada à capacidade de reflexão que o aprendiz pode apresentar numa situação de aprendizagem.

Llera e Rosselló (1998) citam cinco estratégias para a manifestação desse pensamento crítico. Essas estratégias podem ser de clarificação, de apoio básico, de inferência e de estratégia e tática.

De acordo com as estratégias apontadas pelas autoras, para que o aprendiz apresente um pensamento crítico, é importante que ele busque entender o que ainda não foi assimilado, deseje adquirir um novo saber, domine a impulsividade, apresente sua opinião, tenha um posicionamento ao se deparar com uma situação conflituosa e seja flexível em relação ao conhecimento do outro.

Ferreiro (2002, p. 36) considera que “as crianças pensam a propósito da escrita, e que seu pensamento tem interesse, coerência, validade e extraordinário potencial educativo. Temos de escutá-las. Temos de ser capazes de escutá-las desde os primeiros balbucios escritos (contemporâneos de seus primeiros desenhos)”.

A autora afirma que o pensamento da criança apresenta coerência. Esse aspecto foi observado na oralidade infantil durante a pesquisa realizada. Dentre as crianças participantes, 72% apresentam coerência e coesão ao se expressarem por meio da linguagem oral.

Por meio dessas atitudes cognitivas, a criança participa de sua aprendizagem com um pensamento crítico diante da realidade. Essas atitudes são favoráveis ao processo de alfabetização, pois a importância de considerar as estratégias de aprendizagem propicia um desenvolvimento avançado quando o aprendiz se depara com uma atividade que requer um maior esforço cognitivo. Sendo assim, será capaz de persistir em sua aprendizagem e, nos momentos que desafios lhe forem apresentados, poderá aplicar seu conhecimento.

As crianças tanto resolvem como propõem problemas, ou seja, procuram solucionar os problemas que lhes são apresentados e também buscam novos desafios. Elas refinam e aperfeiçoam suas estratégias de resolução de problemas não apenas quando fracassam, mas também com base no sucesso anterior. Persistem porque o sucesso e o entendimento são, por si sós, motivadores (BRANSFORD, BROWN e COCKING, 2007, p. 154).

No processo de aprendizagem, numa situação de fracasso ou sucesso, a criança é capaz de agir estrategicamente. A utilização de estratégias contribui para que perceba suas dificuldades, compreenda seu processo de aprender e consiga definir os elementos necessários para resolver determinada situação.

Para que a criança identifique suas dificuldades é preciso que perceba quais são elas. Um momento importante para que isso aconteça, refere-se à leitura do que ela escreveu. Após a escrita, a releitura é um passo relevante para a verificação da dificuldade. Somente 32% das crianças têm esse comportamento nas atividades envolvendo a escrita, pois 68% delas não relêem o que escrevem, dificultando a correção e percepção das dificuldades, atitudes que são esperadas em alguns períodos da alfabetização.

Faz-se necessário que o alfabetizador ofereça apoio quando o alfabetizando apresenta dificuldades, orientando-o e oferecendo-lhe a possibilidade de verificação dos erros. O apoio docente contribui para estimular o uso de estratégias pelas crianças, ou na reformulação de novas estratégias para que o aprendiz seja capaz de alterar o que for necessário e entenda que o erro é o resultado de uma estratégia diferente utilizada por ele. Nessa etapa, é importante auxiliar o aprendiz a superar seus limites, a controlar sua frustração e considerá-lo partícipe de seu processo de aprender.

Com referência ao erro no processo de aquisição da escrita das crianças analisadas pelas pesquisadoras, 85% não realiza a correção de seus erros por que ainda não estão completamente alfabetizados.

Com relação ao auxílio oferecido pelo docente, ao alfabetizador cabe a responsabilidade de perceber quando a criança necessita de ajuda, pois 71% das crianças, quando se encontram em dificuldades, não solicitam auxílio. Somente 29% das crianças solicita ajuda.

Apesar de não solicitarem ajuda, tentam superar seus limites, pois ao ilustrarem o item da pesquisa “Desiste com facilidade”, 93% das crianças não desistem de um desafio.

O professor alfabetizador, quando auxilia o processo de aprender de seu aluno, apóia as hipóteses infantis, ajusta os desafios de acordo com o nível de aprendizado, promove a persistência e estimula a curiosidade contribuindo para que os aprendizes relacionem uma situação nova de aprendizagem a uma experiência já vivenciada, pois “os adultos ajudam as crianças a estabelecer conexões entre as situações novas e as situações conhecidas” (BRANSFORD; BROWN; COCKING, 2007, p.154).

Para que o aprendiz possa estabelecer essas relações, o alfabetizador deve partir do interesse de seu aluno, e considerar o conhecimento que ele já possui, para possibilitar um melhor desempenho desse aluno na aquisição da linguagem oral e escrita, como também, da leitura.

O alfabetizador atribui significado ao processo de aprendizagem ao entender o raciocínio da criança, atender para as características cognitivas, sociais e afetivas, compreender o modo de aprender e, ao mesmo tempo, desafiar o aprendiz a refletir e interagir com autonomia.

Considerações finais

Ao realizarmos a investigação com as crianças da 1ª etapa do Ciclo I de alfabetização, foi possível compreender os processos de aprendizagem que elas vivenciam para a aquisição da leitura, escrita e oralidade. Identificar as estratégias de aprendizagem que utilizam e o papel do alfabetizador nessa etapa.

A aprendizagem é um ato complexo que envolve os aspectos sociais, afetivos, biológicos e cognitivos. O ato de aprender faz parte das experiências vividas pelo ser humano. Faz parte do processo de alfabetização, uma vez que é o momento da aprendizagem da língua falada e escrita.

No que se refere às estratégias apresentadas pelas crianças na aquisição da escrita destacam-se: escrita de palavras de acordo com a pronúncia; cumprimento da tarefa solicitada; escrita com influência sócio-cultural. Entretanto, a releitura do que escreveu para posterior correção não foi observada em número expressivo. Poucas crianças realizam a leitura após a tentativa de escrita, o que dificulta a correção e a percepção dos erros pelo próprio sujeito.

As crianças participantes apresentaram articulação correta de palavras, coerência, coesão e utilização de elementos coesivos ao ilustrarem os itens da pesquisa referentes às estratégias na aquisição da oralidade.

Considerou-se que as crianças, por estarem em fase de aquisição da leitura, apresentam as dificuldades esperadas para este período. As estratégias utilizadas na aquisição da leitura estão relacionadas à: correspondência da leitura da frase à imagem apresentada; leitura de letras, sílabas, palavras e textos; o retorno à leitura na tentativa de fazer novamente a correspondência; realização de leitura dedilhada; aplicação da leitura por dedução; leitura com entonação ou silenciosa; variação ou não das hipóteses infantis.

Para finalizar, ressaltam-se as estratégias de personalização apresentadas pelas crianças em processo de alfabetização: compreensão da consigna; participação na tarefa assim que explanada; persistência diante da dificuldade e insistência diante de um desafio a fim de superar limites.

Todas essas estratégias foram visíveis durante a pesquisa, apenas a solicitação de auxílio diante da dificuldade e a correção de erros, foram itens encontrados em menor número na realização das atividades propostas pelas pesquisadoras.

Conclui-se que as crianças em fase de alfabetização utilizam de estratégias de aprendizagem para a aquisição da oralidade, leitura e escrita e que as estratégias de personalização, apresentadas no processo de aprender, contribuem para o desenvolvimento cognitivo.

Uma vez que as estratégias de aprendizagem são fatores importantes, vale ressaltar o papel do alfabetizador nessa etapa. Muitas vezes, é o educador que é capaz de perceber as estratégias utilizadas, ou não, pelos pequenos. Sua intervenção nesses momentos possibilita que as crianças sejam consideradas aprendizes e respeitadas no processo de aprendizagem.

Ao considerar as estratégias de aprendizagem de cada criança, o alfabetizador respeita a individualidade dos alfabetizandos e contribui para que o processo de alfabetização seja um momento de descobertas, desafios e de muita aprendizagem.

Essas considerações nos remetem a refletir sobre a importância do alfabetizador para a aprendizagem das crianças. Sua mediação nos momentos de descobertas, de aprendizado, o apoio às hipóteses infantis são fatores fundamentais na aquisição da oralidade, leitura e escrita.

REFERÊNCIAS

BRANSFORD, John D.; BROWN, Ann L.; COCKING, Rodney R. **Como as pessoas aprendem**. São Paulo: Senac, 2007.

CARRASCO, J.B. **Estrategias de Aprendizaje**. Madrid: Rialp, 2004.

CLAXTON, GUY. **O Desafio de Aprender ao longo da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FERREIRO, Emília. **O passado e o presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LERNER, DELIA. **Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LLERA, Jesús Beltrán. ROSSELLÓ, Cândido Genovard. **Psicología de La instrucion I: variables y procesos básicos**. Madrid: Sintesis Psicologia, 1998.

PETEERSON, ROSEMARY. COLLINS, VICTORIA FELTON. **Manual Piagetiano para professores e pais**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

POZO, JUAN IGNACIO, **Aprendizes e Mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Portilho, EMI; Kuster, Sonia. **Estratégias de aprendizagem da criança em processo de alfabetização**. Revista Psicopedagogia, nº 70, volume 23. São Paulo: 2006.